

Texto: Ana Linhares
Tradução e edição: Susana Camanho
Produção: Rita Senra, Pedro Huet
Montagem: Rita Senra, Pedro Huet e Carlos Campos
Design: Mlacedo Cannatà
Programa público: Sara Rodrigues, Rodrigo Camacho
Programa editorial: Maria João Mlacedo
Impressão do cartaz: VCoutinho
Agradecimentos: Esther Kuijper, Inez Piso, Jorge Basílio, Jorge Linhares e equipa do Sismógrafo

A equipa do Sismógrafo é composta por:
Emídio Agra, Rodrigo Camacho, Susana Camanho,
Pedro Huet, Maria João Mlacedo,
Hernâni Peis Baptista, Sara Rodrigues,
Rita Senra e João Pedro Trindade.



O Sismógrafo tem o apoio:

OUR TIME IS OUT OF JOINT

Ana Linhares
13 Janeiro–2 Março 2024

Our time is out of joint, 2024

Instalação

PVC impresso, madeira, tubo de PVC,
tinta de spray, vinil, granito, têxtil, papel
Dimensões variáveis

ANA LINHARES (Póvoa de Varzim, 1990) vive e trabalha em Utrecht. Integra projetos, residências e exposições em Portugal, Espanha e Países Baixos. Obteve a licenciatura em Belas Artes pela FBAUP (2012) e o mestrado em Belas Artes e Design pela HKU — Hogeschool voor de Kunsten Utrecht (2019). Foi representada pela KubikGallery de 2013 a 2023. Trabalha e colabora em diferentes projectos e contextos, nomeadamente residências e investigação de arquivo e articulação com instituições artísticas. Entre outros prémios e nomeações, Ana Linhares recebeu a Bolsa de Investigação da Fundação Calouste Gulbenkian 2018-2019 e foi nomeada para o Novo Banco Revelação 2018, na Fundação de Serralves. Ana Linhares trabalha com práticas arquivais, storytelling, desconstrução e intersecção de narrativas e linguagem. A artista desenvolve práticas experimentais e investigação articulada com várias áreas das Humanidades (História, Literatura, Filosofia, etc.), usando instalações, diagramas e montagens/composições para sugerir e explorar novas interpretações e possibilidades. Sendo disso exemplo o projecto de longo prazo 'On Constellations', com várias edições entre 2017 e 2021. Os interesses de investigação da artista têm-se estendido na articulação do trabalho passado intersectando com teoria e práticas Crip e Queer a nível institucional. Ana Linhares tem explorado as ligações e a articulação entre Crip Queer Temporalities, narrativas, teoria, história e teoria de género. As diferentes fases do seu trabalho foram apresentadas no Casco Art Institute (Utrecht), Hotel Maria Kapel (Hoorn) e Springboard Art Fair (Utrecht).

Our time is out of joint

Este projeto começou como uma tentativa falhada de lamber feridas, procurar soluções e reconciliar-se com a deficiência, a neuro-divergência, a identidade queer e a não conformidade de género.

Elizabeth Freeman sugere que em Hamlet, Shakespeare afirma que “o tempo está deslocado”, sugerindo que o tempo pode ser sentido no corpo, no fundo dos ossos e dos tecidos, como uma espécie de “deslocação do esqueleto”. A investigação e a prática recentes de Linhares centram-se na articulação de uma dissonância em relação à normatividade, onde nem o corpo nem a mente correspondem ao que os valores sociais designam como normal, esperado ou padrão. Linhares vive num tempo Crip e Queer, de linhas temporais que fluem de forma diferente daquelas integradas na norma cis hétero, de corpo e mente capazes, que tem sido imposta como a versão suprema da experiência humana.

Quando se vive no tempo Crip e/ou Queer, cai-se nas fissuras e brechas da sociedade e começa-se a viver na transgressão. Se não nos enquadrarmos na tirania da normatividade, somos automaticamente transgressores: rebeldes ou monstros. Como diz Charlie Fox, escritor e artista: “Não me sinto particularmente em casa no mundo”, por isso, temos de procurar outras formas de nos sentirmos validados e aceites nas nossas experiências. Não só isso, mas também readaptar um corpo, uma identidade ou recuperar uma palavra como “freak” e dar-lhe o seu próprio cunho. Há um certo poder em encarnar o monstro, contra todas as representações dos contos de fadas que impõem uma narrativa de “superação” e padrões de beleza normativos. Ser uma besta carrega o peso de estar na margem, onde se diz que ninguém quer viver. É esta sensação de ter o que aparentemente ninguém quer ter que provoca a dissonância e a deslocação em relação à normalidade e é assim que Linhares sente que se tornou um monstro. O corpo armazena a dor e o trauma. Viver no tempo Crip Queer significa viver dentro de um estado de adiamento e perda permanentes.

Neste fracasso ou ruptura com a normatividade, é possível reivindicar um espaço e criar uma existência poderosa, onde não entram cavaleiros de armadura brilhante, empunhando ideais de positividade tóxica e futuridade, onde os “freaks” com próteses podem prosperar. Nesta exposição, apresenta-se um novo conjunto de trabalhos que partem de pesquisas desenvolvidas na Holanda nos últimos 3 anos, onde se exploram as contradições e nuances das temporalidades Queer Crip.

Actividade Moving in Crip Queer Temporalities

com Ana Linhares

Sábado 20 Janeiro 2024
15:00–18:00

Participação gratuita
Inscrições limitadas
publicos@sismografo.org

Após uma visita guiada à exposição *Our time is out of joint*, Ana Linhares propõe-nos navegar pelo seu diagrama *Moving in Crip Queer Temporalities*. Nesta actividade, exploram-se a mitologia e a percepção do tempo, problematizando a linearidade da crono-normatividade. Perdendo capacidade, perdendo controlo, perdendo lugar, perdendo ritmo, perdendo tempo. O luto do corpo e da mente. Movendo-nos por divergências físicas e neuronais, questionamos a noção de deficiência e ponderamos sobre o que deve ser tratado ou receber cuidados. Tomar o descanso como um acto radical de cuidado; o autocuidado como forma de resistir a um mundo cujo tempo está desconcertado. Poderão ser criados lugares seguros naquelas horas deixadas à margem do normal? Buscaremos possibilidades de transgressão para os corpos desenquadrados.